



Ligeiramente
PECAMINOSOS

.....
.....
MARY BALOGH

Mais de 4 milhões de livros vendidos



No início era apenas uma farsa divertida,
mas se tornou uma atração inegável

Ligeiramente
PECAMINOSOS



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Ligeiramente
PECAMINOSOS



MARY BALOGH

OS BEDWYNS 5



CAPÍTULO I



Como passara praticamente todos os seus 25 anos na Inglaterra – portanto, isolado da maior parte dos conflitos que haviam assolado o resto da Europa desde a ascensão de Napoleão ao poder –, lorde Alleyne Bedwyn, o terceiro irmão homem do duque de Bewcastle, não tinha nenhuma experiência pessoal em batalhas campais. Contudo, ouvira com ávido interesse as histórias de guerra que o irmão mais velho, lorde Aidan Bedwyn, um coronel da cavalaria recém-aposentado, costumava contar e se considerara capaz de visualizar o cenário.

Só que estava errado.

Alleyne pensara em fileiras elegantemente posicionadas, os britânicos e seus aliados de um lado, o inimigo do outro, a terra plana como os campos esportivos de Eton entre eles. Imaginara a cavalaria, a infantaria e a artilharia, todos imaculados e bem-arrumados em seus vários uniformes, movendo-se com elegância e lógica, como peças de xadrez. Alleyne até conseguia ouvir os rápidos disparos, que pouco perturbariam o silêncio. A visibilidade seria clara, permitindo que avistasse todo o campo de batalha o tempo inteiro e avaliasse o progresso do combate a cada momento. Teria visualizado – se houvesse pensado a respeito – o ar claro e limpo para respirar.

Não podia estar mais errado.

Alleyne não era militar. Recentemente, decidira que era hora de fazer algo útil da vida e embarcara em uma carreira como diplomata. Fora, então, designado para a embaixada em Haia, sob as ordens de Sir Charles Stuart. Mas os dois tinham se transferido para Bruxelas com mais alguns da equipe enquanto os exércitos dos Aliados, sob o comando do duque de Wellington, se reuniam ali em resposta a uma nova ameaça de Napoleão

Bonaparte, que escapara de seu exílio da ilha de Elba no início daquela primavera e estava formando outra vez uma formidável tropa na França. Agora, a batalha tão aguardada entre as duas forças ocorria em um campo montanhoso e ondulante que se estendia ao sul da cidade de Waterloo. E Alleyne se achava bem no meio de tudo aquilo. Ele se oferecera para levar uma carta de Sir Charles ao duque de Wellington e para levar a resposta.

Estava grato por ter saído de Bruxelas sozinho, a cavalo. Não teria conseguido esconder de qualquer possível companhia o fato de que jamais sentira nem metade do medo que o tomava naquele momento.

O barulho do armamento pesado era o pior. Ia além do som: ensurdecia-o, pulsava no abdômen. E havia toda a fumaça que o asfixiava, fazia-o lacrimejar e tornava absolutamente impossível ver com clareza mais do que alguns poucos metros em qualquer direção. Cavalos e homens corriam de um lado para outro por toda parte em meio à lama causada pela chuva torrencial da noite anterior, no que parecia o caos para Alleyne. Oficiais e sargentos gritavam ordens e, de algum modo, conseguiam se fazer ouvir. Havia o cheiro acre de fumaça e o fedor adicional do que ele presumiu ser sangue e entranhas. Viam-se mortos e feridos para onde quer que se olhasse.

Era uma cena saída direto do inferno.

Aquela, percebeu Alleyne, era a realidade da guerra.

O duque de Wellington tinha a reputação de estar sempre onde a batalha era mais feroz, expondo-se de forma imprudente ao perigo e, de alguma forma, sempre conseguindo escapar ileso. E aquele dia não era exceção. Depois de pedir informações sobre o paradeiro do duque a pelo menos uma dúzia de oficiais, Alleyne enfim encontrou o homem em uma colina aberta, olhando a fazenda de La Haye Sainte, que ficava estrategicamente localizada. A casa da propriedade estava sendo atacada com ferocidade pelos franceses enquanto os soldados alemães tentavam defendê-la com a mesma firmeza. O duque não poderia estar mais exposto ao fogo inimigo mesmo se tentasse. Alleyne entregou a carta e logo se concentrou em manter o cavalo sob controle. Tentou não pensar no perigo que ele próprio corria, mas estava dolorosamente consciente do trovejar dos canhões bem perto e do zunido das balas de mosquete. O terror parecia se infiltrar em seus ossos.

Ele precisou esperar que Wellington lesse a carta e, então, ditasse uma resposta para um de seus ajudantes. A espera pareceu interminável para Alleyne, que observava a batalha abaixo – até onde ele conseguia enxergar,

através das ondulações da fumaça de milhares de armas. Viu homens morrerem e esperou morrer também. E se sobrevivesse, perguntou-se, será que voltaria a escutar? Ou conseguiria se manter são? Enfim com a carta nas mãos, guardou-a em segurança no bolso interno do paletó e se virou para partir. Nunca se sentira mais grato por nada na vida.

Como Aidan tolerara aquela vida por doze anos? Por que milagre o irmão conseguira sobreviver para contar a história, para se casar com Eve e, então, se acomodar à vida na área rural da Inglaterra?

Quando sentiu uma dor aguda na parte superior da coxa esquerda, a princípio Alleyne pensou que dera um mau jeito na sela e distendera um músculo. Porém, ao baixar os olhos, viu o buraco nos calções e o sangue esguichando. Deu-se conta da verdade quase como se fosse um espectador indiferente.

– Santo Deus – falou em voz alta –, fui atingido.

Sua voz soava como se viesse de longe, abafada pelo pulsar das armas, pela surdez momentânea e pelo alarme em sua mente, que o enregelou.

Não ocorreu a Alleyne parar, desmontar ou procurar ajuda médica. Ele só conseguia pensar em se afastar dali, em retornar sem demora a Bruxelas e à segurança que a cidade oferecia. Tinha coisas importantes a fazer lá. Naquele exato momento, não conseguia lembrar que coisas eram essas, mas sabia que não poderia se permitir um atraso.

Além do mais, o pânico se apoderava cada vez mais dele.

Alleyne cavalgou adiante por alguns minutos, até se sentir mais confiante por já ter saído da zona de maior risco. Àquela altura, sua perna doía como o diabo. Pior, ele ainda sangrava copiosamente. Não tinha nada com que estancar o fluxo a não ser um lenço grande. Quando o tirou do bolso, temeu não conseguir envolver a coxa, mas o pano era maior do que calculara. Com as mãos trêmulas e desajeitadas, fez uma espécie de torniquete. Ele se encolheu de dor, quase desmaiando. A bala devia estar encravada em sua coxa. A agonia o rasgava a cada batida do coração. Sentia-se zozzo com o choque.

Milhares de homens já haviam sido feridos de forma mais grave, disse Alleyne a si mesmo com determinação, enquanto seguia adiante... *muito* mais grave. Seria covardia se concentrar na própria dor. Quando chegasse a Bruxelas, completaria sua tarefa e procuraria um médico para retirar a bala – a ideia o atemorizava! – e para costurar o ferimento. Ele e a perna sobreviveriam... ou ao menos era o que esperava.

Logo Alleyne alcançou a floresta de Soignés, cavalgando um pouco para o lado oeste da estrada na tentativa de evitar o tráfego pesado que vinha de ambas as direções. Ele passou por vários soldados na floresta, alguns mortos, muitos feridos, boa parte deles desertores do horror do campo de batalha – ao menos era o que suspeitava. Não conseguia culpá-los.

Conforme o choque diminuía, a dor piorava. O sangramento continuava, embora contido até certo ponto pelo lenço. Alleyne sentia frio e estava tonto. Precisava voltar para Morgan.

Ah, sim, era isso!

Morgan, sua irmã mais nova de apenas 18 anos, estava em Bruxelas, e o casal responsável por acompanhá-la já havia esperado demais para deixar a cidade, em vez de partir com a maior parte dos ingleses, que tinha ido embora ao longo dos dois meses anteriores. Os Caddicks agora se encontravam praticamente presos em Bruxelas, já que todos os veículos haviam sido requisitados pelo Exército. E, pior do que isso, permitiram que a jovem saísse sozinha de casa justo naquele dia. Quando Alleyne deixara Bruxelas mais cedo, ficara estupefato ao vê-la nos portões de Namur, com algumas outras mulheres, cuidando dos feridos que já chegavam à cidade.

Ele dissera à irmã que voltaria o mais rápido possível e garantiria que ela fosse levada de volta em segurança, de preferência até a Inglaterra. Solicitaria uma licença temporária no trabalho e a acompanharia ele mesmo. Alleyne não ousou pensar no que poderia acontecer a Morgan se a França fosse vitoriosa naquele dia.

Precisava voltar para a irmã. Wulfric, o duque de Bewcastle, a confiara aos cuidados do conde e da condessa de Caddick quando Morgan implorara para ir a Bruxelas com a filha do casal, Lady Rosamond Havelock, amiga dela. Ainda assim, Alleyne havia prometido que ficaria de olho. Santo Deus, ela era pouco mais do que uma criança, e era sua *irmã*.

Ah, sim, também precisava entregar a carta do duque de Wellington a Sir Charles Stuart. Quase se esquecera da maldita carta. O que poderia ser tão importante para que tivesse sido mandado à frente de batalha? Um convite para o jantar daquela noite? Não ficaria surpreso se fosse algo assim tão banal. Já começava a ter dúvidas sobre sua escolha de carreira. Talvez devesse ocupar um dos assentos no Parlamento que Wulf controlava – o único problema era que seus interesses em política eram mínimos. Às vezes, a falta de rumo da própria vida perturbava Alleyne. Mesmo que um homem fosse rico o bastan-

te para se manter confortavelmente por toda a vida sem precisar fazer esforço algum, era preciso haver algo que incendiasse seu sangue e elevasse sua alma.

A perna de Alleyne parecia um balão prestes a explodir. Ao mesmo tempo, por mais paradoxal que fosse, sentia várias facas cravadas nela, que a faziam pulsar em um milhão de pontos. Uma névoa fria redemoinhava dentro de sua cabeça. O próprio ar que respirava era gélido.

Morgan... Ele fixou a imagem da irmã na mente – Morgan, jovem, vibrante, obstinada; dos cinco irmãos, a única mais nova do que ele. Precisava voltar para ela.

Será que estava longe de Bruxelas? Havia perdido completamente a noção de tempo e distância. Ainda conseguia ouvir as armas. Ainda estava na floresta. A estrada continuava à sua direita, apinhada de carroças, carruagens e pessoas. Apenas duas semanas antes, Alleyne tinha comparecido a um piquenique ali na floresta, sob o luar, organizado pelo conde de Rosthorn. Era quase impossível perceber que era o mesmo lugar. Rosthorn, cuja reputação estava longe de ser agradável, flertara com Morgan de forma não muito discreta e provocara um falatório considerável.

Alleyne cerrou os dentes. Não sabia se aguentaria ir muito mais longe. Nunca imaginara que fosse possível sentir tanta dor. Estremecia a cada passo do cavalo. Mas não ousava desmontar. Com certeza não conseguiria caminhar sozinho. Ele invocou todas as reservas de vontade e força física e seguiu cavalgando. Se ao menos alcançasse Bruxelas...

Contudo, o solo da floresta parecia irregular e o cavalo, sem dúvida já apavorado com as terríveis condições do campo de batalha, estava desnor-teado com o peso morto do cavaleiro indiferente. O animal tropeçou na raiz de uma árvore e se empinou, assustado. Sob circunstâncias ordinárias, Alleyne iria controlá-lo com facilidade. Porém, aquele não era o caso. Por sorte, suas botas se soltaram do estribo no momento da queda, mas ele não estava em condições de fazer qualquer movimento defensivo que a amortecesse. Assim, Alleyne aterrissou com força de costas no chão e bateu com a cabeça na mesma raiz em que o cavalo tropeçara.

Desmaiou na mesma hora. Estava tão pálido por causa da perda de sangue e da queda que qualquer transeunte o daria por morto. E nem seria um fato estarrecedor, já que a floresta de Soignés, mesmo tão ao norte do campo de batalha, se encontrava repleta de cadáveres.

O cavalo de Alleyne se empinou novamente e se afastou galopando.



A casa tranquila e de aparência respeitável na Rue d'Aremberg, em Bruxelas, que quatro “damas” haviam alugado dois meses antes, era na verdade um bordel. Bridget Clover, Flossie Streat, Geraldine Ness e Phyllis Leavey tinham saído de Londres com a suposição – correta, por sinal – de que os negócios em Bruxelas seriam intensos até toda a loucura militar ter sido resolvida de algum modo. Estavam muito perto de conseguir realizar a ambição que as unira em uma parceria profissional e em uma rápida amizade quatro anos antes. O objetivo delas, seu sonho, era poupar o bastante para que pudessem se aposentar e comprar uma casa em algum lugar da Inglaterra que gerenciariam juntas, como uma respeitável pensão para damas. Tiveram todos os motivos para acreditar que, quando voltassem à Inglaterra, seriam mulheres livres.

Entretanto, o sonho foi destroçado.

No dia exato em que as armas retumbavam ao sul da cidade, anunciando que as hostilidades tinham enfim se acirrado e que havia uma batalha colossal em andamento, as quatro mulheres descobriram que tudo estava perdido, que todo o dinheiro ganho com muito esforço se fora.

Roubado.

E tudo por culpa de Rachel York.

Ela mesma dera a notícia ao chegar do norte. Em vez de seguir seu caminho de volta à Inglaterra, como quase todos os outros britânicos em Bruxelas estavam fazendo, escolheu voltar à cidade. Até mesmo muitos residentes fugiam em direção ao norte. Contudo, Rachel havia retornado. Voltara para contar às damas a terrível verdade. Tivera certeza de que a cobririam de recriminações, mas as quatro acabaram acolhendo-a, já que ela não tinha para onde ir, e lhe cederam o único quarto vago da casa.

Rachel agora era a mais nova moradora do bordel.

Pouco tempo antes, só de pensar nisso já teria ficado horrorizada. Ou teria achado uma ideia divertida, pois era bem-humorada. Mas, naquele exato momento, sentia-se arrasada demais para reagir ao simples fato de que estava morando com prostitutas.

Já passava bastante da meia-noite. Aquela *não* era uma noite de trabalho para as mulheres, algo que Rachel talvez considerasse positivo se estivesse em condições de pensar direito. Desde o dia anterior, até chegar ali e dar

a terrível notícia, passara as horas muito perturbada. Agora estava apenas entorpecida. Entorpecida e terrivelmente culpada.

As cinco estavam sentadas na sala de estar. Já teria sido difícil ir para a cama e conseguir dormir, e ainda havia a distração da batalha, que permanecera acirrada durante todo o dia. Elas conseguiam *ouvi-la*, embora acontecesse a quilômetros de distância da cidade, se é que os rumores eram verdadeiros. Muitos boatos e ondas de pânico fizeram com que os moradores ainda presentes esperassem uma invasão iminente dos soldados franceses ensandecidos pela guerra. Mas, segundo a notícia que chegara tarde da noite, a batalha terminara, os britânicos e seus aliados haviam vencido e estavam expulsando o exército francês na direção de Paris.

– Que grande bem isso nos fará... – comentara Geraldine, as mãos espalmadas nos quadris magníficos. – Todos aqueles homens adoráveis se foram e aqui estamos nós, com uma mão na frente e outra atrás.

Não tinha sido apenas as notícias sobre a guerra que as mantiveram acordadas, mas também o desalento, a fúria, a frustração... e um desejo ardente de vingança.

Geraldine andava de um lado para outro, o robe de seda púrpura ondulado atrás de si, vestido por cima de uma camisola violeta que moldava o corpo voluptuoso, os cabelos pretos balançando contra os ombros e um braço cortando o ar, como se atuasse em uma tragédia. A herança italiana de Geraldine ficava muito clara para Rachel, que estava sentada ao lado da lareira, um xale passado ao redor dos ombros, embora a noite não estivesse fria.

– Aquele sapo viscoso e desprezível – vociferou Geraldine. – Espere só até eu colocar as mãos nele. Vou arrancar todos os seus membros, um a um. Vou esganá-lo até a morte.

– Primeiro temos que encontrá-lo, Gerry – replicou Bridget.

Ela estava jogada em uma cadeira, parecendo exausta. Também era deslumbrante a seu modo, o vestido rosa-choque contrastando terrivelmente com o improvável cabelo ruivo.

– Ah, eu vou encontrá-lo, Bridge, não se preocupe.

Geraldine ergueu as mãos e demonstrou claramente o que faria com o pescoço do reverendo Nigel Crawley se ele aparecesse naquele momento.

Mas o homem já estava longe. Àquela altura, talvez na Inglaterra, com uma enorme quantidade de dinheiro que não era dele nos bolsos de sua bela, piedosa e repulsiva pessoa.

Rachel adoraria deixá-lo com dois olhos roxos e fazê-lo engolir os dentes perfeitos, embora não costumasse ser uma pessoa violenta. Se não fosse por ela, Nigel Crawley jamais teria conhecido aquelas mulheres, logo não teria roubado todas as economias delas.

Flossie também não parava quieta, sabe-se lá como sem colidir com Geraldine. Com cachos louros e curtos, grandes olhos azuis, baixa estatura e roupas em cores pastel, parecia não ter nada na cabeça, mas a verdade era que sabia ler e escrever e era ótima com números. Era a tesoureira da sociedade delas.

– Precisamos encontrar o Sr. Ardiloso. Não sei como, onde ou quando, já que ele pode se esconder em qualquer lugar da Inglaterra... ou até mesmo do mundo, enquanto a nós não restou quase nenhum dinheiro para o perseguirmos. Mas vou encontrá-lo, mesmo que seja a última coisa da minha vida. Se você já reivindicou o pescoço do homem para si, Gerry, ficarei com outra parte do corpo e darei um nó nela.

– Mas provavelmente essa parte é pequena demais para que você consiga dar um nó, Floss – desdenhou Phyllis.

Roliça, bela e tranquila, com os cabelos sempre muito bem penteados e as roupas simples e discretas, Phyllis não correspondia em nada à imagem que Rachel tinha de uma prostituta. Era sempre prática e acabara de voltar à sala com uma grande bandeja de chá e bolos.

– De qualquer modo, ele terá gastado todo o nosso dinheiro muito antes de conseguirmos encontrá-lo.

– Mais uma razão para quebrarmos todos os ossos do corpo dele – argumentou Geraldine. – A vingança por si só pode ser doce, Phyll.

– Mas como vamos achá-lo? – perguntou Bridget, passando os dedos pelos cachos vermelhos.

– Eu e você vamos escrever cartas, Bridge – respondeu Flossie –, para todas as companheiras que souberem ler. Temos colegas em Londres, Brighton, Bath, Harrogate e outros lugares, certo? Vamos espalhar a notícia e o encontraremos. Mas precisaremos de dinheiro para ir atrás dele.

Ela suspirou e parou de andar por um instante.

– Então tudo o que precisamos fazer é pensar em um modo de enriquecer depressa – disse Geraldine, agitando de novo um dos braços no ar. – Alguém tem uma ideia? Há algum ricaço de quem possamos roubar?

Todas começaram a dizer os nomes de vários cavalheiros, provavelmente clientes, que estavam ou haviam estado em Bruxelas. Rachel reconheceu

alguns poucos. Mas as damas não falavam sério. Elas pararam depois de lembrar mais ou menos uma dúzia e começaram a rir baixinho – sem dúvida um alívio após a terrível descoberta de que haviam perdido todas as economias, roubadas por um patife disfarçado de clérigo.

Flossie se acomodou no sofá e pegou um dos bolos no prato.

– Na verdade, há um modo, mas precisamos agir depressa. Não se trata exatamente de *roubo*. Uma pessoa não pode roubar dos mortos, certo? Eles não vão mais usar seus pertences.

– Pelo amor de Deus, Floss – disse Phyllis, afundando ao lado da colega no sofá com uma xícara e um pires nas mãos –, em que você está pensando? Não vou assaltar cemitérios, se é isso que tem em mente. Que ideia! Pode imaginar nós quatro, com pás apoiadas nos ombros...

– Estou falando dos mortos na *batalha* – interrompeu Flossie, enquanto as demais a encaravam, estupefatas, e Rachel apertava mais o xale ao redor do corpo. – Com certeza bandos de pessoas vão fazer isso. Aposto que hordas delas já estão por aí, fingindo procurar por entes queridos, mas na verdade em busca de pertences. Mulheres se saem muito bem: basta uma expressão penalizada, ligeiramente frenética, e o nome de um homem nos lábios. Mas teríamos que ir logo para lá se quisermos encontrar algo de valor. Conseguiremos recuperar tudo o que perdemos se tivermos sorte... e empenho.

Rachel ouviu o barulho de dentes batendo e percebeu que eram os próprios. Ela firmou o maxilar. Vandalizar os mortos... muito lúgubre. Como cenas de um pesadelo.

– Não sei, Floss... – replicou Bridget. – Não parece certo. Você não está falando sério, não é?

– Por que não? – questionou Geraldine, erguendo os braços. – Como disse Floss, não seria exatamente roubar, não é mesmo?

– E não estaríamos fazendo mal a ninguém – acrescentou Flossie. – Já estarão mortos.

– Ai, meu Deus. – Rachel colocou as mãos nas bochechas. – Sou eu que preciso encontrar uma solução. Foi tudo culpa minha.

A atenção de todas se voltou para ela.

– Não foi, *não*, meu amor – assegurou Bridget. – Com certeza não foi. Se alguém tem culpa, então sou eu, por permitir que você me reconhecesse na rua e por deixar que você entrasse nesta casa. Eu devia estar fora de mim.

– Não foi sua culpa, Rache – concordou Geraldine. – Foi *nossa* culpa. Nós quatro temos muito mais experiência com homens do que você. Eu me achava capaz de notar um patife a quilômetros de distância, com um dos olhos fechados. Mas fui enganada por aquele bandido bonito do mesmo modo que você.

– Digo o mesmo – falou Flossie. – Mantive os cordões de nossas bolsas bem apertados até ele aparecer com aquela conversa suave de nos amar e nos respeitar porque temos a mesma profissão que Maria Madalena e Jesus *a* amava. Eu me daria um tapa na cabeça se adiantasse alguma coisa. Dei àquele homem todas as nossas economias para que ele as depositasse em segurança em um banco da Inglaterra. Deixei que levasse o dinheiro... até lhe *agradeci* por levá-lo... e agora perdemos tudo. Foi minha culpa mais do que de qualquer uma.

– Nada disso, Floss – retrucou Phyllis. – Todas concordamos em entregar o dinheiro. Como sempre fizemos, pois planejamos, trabalhamos e tomamos decisões juntas.

– Mas eu o apresentei a vocês – insistiu Rachel com um suspiro. – Estava tão orgulhosa dele por não excluí-las... e o trouxe aqui. Traí todas vocês.

– Tolice, Rache – rebateu Geraldine de forma brusca. – Você também perdeu tudo o que tinha para ele, exatamente como nós. E teve coragem de voltar para nos contar o que aconteceu, por mais que houvesse a possibilidade de arrancarmos a sua cabeça.

– Estamos perdendo tempo com esta conversa sem sentido sobre culpados – adiantou-se Flossie –, pois já sabemos quem é. Se não formos logo ao local da batalha, não restará nada para nós.

– Eu vou, Floss, mesmo que precise ir sozinha – afirmou Geraldine. – Haverá coisas preciosas lá, não duvido, e pretendo ficar com algumas. Pretendo obter dinheiro para ir atrás daquele bandido com o coração mais perverso de todos os corações perversos.

Ninguém pareceu considerar o fato de que, se conseguissem uma grande quantia, poderiam simplesmente usá-la para repor a perda das economias, recuperar o sonho da pensão e esquecer o reverendo Nigel Crawley, que àquela altura, ou nos dias ou semanas que se seguiriam, poderia estar em qualquer lugar do mundo. Mas, às vezes, a indignação e o desejo de vingança podiam ficar acima até mesmo dos sonhos.

– Tenho um cliente marcado para amanhã à tarde... aliás, para *hoje* à tarde – avisou Bridget, cruzando os braços sob os seios e deixando os ombros

caírem para a frente. – O jovem Hawkins. Não poderia ficar fora por muito tempo, portanto acho que nem valeria a pena ir, não é?

Rachel percebeu que a voz da moça tremia um pouco.

– Eu não vou, mesmo não tendo a justificativa da Bridget – falou Phyllis, com um ar de quem pede desculpas, enquanto pousava a xícara e o pires que segurava. – Lamento, mas eu desmaiaria assim que visse sangue e não seria de utilidade alguma. E teria pesadelos pelo resto da vida, acordaria vocês toda noite com meus gritos. É provável que isso aconteça de qualquer modo só de eu pensar a respeito. Ficarei aqui e atenderei à porta caso alguém nos procure enquanto Bridget estiver trabalhando.

– Trabalhando! – exclamou Flossie com um gemido. – A não ser que façamos alguma coisa sobre a nossa situação, vamos continuar trabalhando até estarmos velhas e decrépitas, Phyll.

– Eu já estou – comentou Bridget.

– Não, não está, Bridge – retrucou Flossie com firmeza. – Está em seu auge. Vários rapazes novos ainda escolhem você, principalmente os que ainda são virgens.

– Porque lembro a eles suas mães.

– Com esses cabelos fogosos, Bridge? – questionou Geraldine, bufando de forma nada elegante. – Acho que não.

– Eu não os deixo nervosos ou com medo de falhar – continuou Bridget. – Explico que a imperfeição não é um problema. Afinal, que homem é perfeito mesmo um bom tempo depois das primeiras vezes, não é verdade? Alguns nunca aprendem direito...

Rachel não conseguiu controlar o rubor que coloriu seu rosto.

– Iremos nós duas, então, Gerry – decidiu Flossie, ficando de pé. – Não tenho o mínimo medo de ver alguns cadáveres. Vamos lá em busca da nossa fortuna e, depois, faremos com que aquele camarada Crawley lamente o dia em que o pai dele olhou para a mãe com um olhar desejoso.

– Eu também iria – falou Bridget –, mas o jovem Hawkins insistiu em vir hoje. Ele quer que eu o ensine a impressionar a noiva quando se casarem, no outono.

Bridget já completara 30 anos. Anos antes, fora contratada como ama de Rachel, pelo pai viúvo da menina, e as duas rapidamente desenvolveram um enorme carinho uma pela outra, como se fossem mãe e filha. Mas o pai de Rachel perdera tudo nas mesas de carteadado – algo que acontecera com

perturbadora frequência ao longo de sua vida adulta – e se vira forçado a dispensar os serviços de Bridget. Havia apenas um ou dois meses, as duas tinham se reencontrado por acaso em uma rua de Bruxelas e Rachel descobriu o rumo que a vida de sua querida ama havia tomado. Ela insistira em retomar o contato com a amiga, apesar das preocupações de Bridget.

Rachel ficou de pé subitamente, sem nem se dar conta do que estava prestes a fazer – ou dizer.

– Também vou.

Houve um burburinho quando todas voltaram a atenção para a jovem, mas ela as silenciou com um gesto.

– Sou a principal responsável por vocês terem perdido suas economias. Não importa o que vocês digam: essa é a mais pura verdade. Além do mais, tenho meu próprio acerto de contas a fazer com o Sr. Crawley. Ele me induziu a admirá-lo, me fez até concordar em ser sua noiva. Então, roubou de nós e tentou mentir para mim, com certeza achando que eu era uma idiota completa. Se formos atrás dele, vamos precisar de dinheiro, logo farei a minha parte para que o consigamos. Vou com Geraldine e Flossie vasculhar cadáveres.

Ela desejou ter permanecido sentada, já que sentia as pernas subitamente muito bambas.

– Ah, não, meu amor – disse Bridget, levantando-se e dando um passo na direção de Rachel.

– Deixe-a, Bridge – pediu Geraldine. – Gostei de você assim que a conheci, Rache, porque é uma pessoa simples, e não uma dessas damas arrogantes que empinam o nariz e bufam quando passam por nós, como se carregássemos cachorros mortos há duas semanas dentro das bolsas. Mas esta noite passei a gostar de você ainda mais. Você tem força de espírito. Não aceitou passiva o que ele lhe fez.

– Não pretendo aceitar – concordou Rachel. – Passei o último ano como uma dama de companhia dócil e amável. E odiei cada momento. Se não fosse por isso, com certeza não teria me deixado seduzir por um bandido sorridente. Vamos logo, sem mais conversa.

– Vivas para Rachel! – exclamou Flossie.

Enquanto ia até o quarto no andar de cima, para vestir roupas mais quentes e resistentes, Rachel tentava nem pensar no que estava prestes a fazer: sair com Geraldine e Flossie para saquear corpos.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br